

Um holandês liberal e social

Maurits Der Hoofd fundou um **movimento político** em Portugal

Nuno Escobar de Lima

nuno.e.lima@sol.pt

NASCEU em Amesterdão no ano da revolução portuguesa (1974). Hoje pretende revolucionar a política em Portugal. Maurits van Der Hoofd abandonou a direcção nacional de uma juventude partidária na Holanda para trabalhar em Lisboa, no ano de 2002. A luta «**pelas liberdades individuais dentro de uma economia saudável**» irá acompanhá-lo sempre.

A saída da Holanda dá-se devido ao desagrado com o trabalho de consultoria civil. Um amigo espanhol recomendou-lhe uma empresa em Lisboa e uma entrevista de emprego, num *fast food* do aeroporto de Amesterdão, antecedeu a vinda para Portugal com 50 quilos de bagagens.

Foi na capital portuguesa que encontrou o prazer profissional, fazendo consultoria na política de transportes. Mas Maurits, cidadão do mundo, tem uma paixão



HELENA GARCIA

Maurits Der Hoofd considera que a política portuguesa é agressiva

pela política. No seu país era filiado na juventude do Partido Liberal Social da Holanda, o D66 – membro da coligação governamental – cuja direcção nacional teve de abandonar para vir para Portugal.

Ao chegar a Lisboa, constatou a inexistência de movimentos liberais sociais nos países do Sul

da Europa e pensou que a sua actividade política tinha terminado. Mas a filiação num grupo de liberais europeus levou-o até ao português Miguel Duarte.

Da conversa entre os dois surgiu a ideia de fundar um Partido Liberal em Portugal. Hoje, Maurits é vice-presidente para as relações internacionais do Move-

mento Liberal Social, projecto presidido pelo próprio Miguel Duarte.

Cá e lá, a ideia é defender as liberdades individuais exigindo uma menor presença do Estado.

Mas há diferenças. Se na Holanda a política é feita «**com prazer**», por cá parece-lhe «**agressiva**».

No seu país há uma multiplicidade de partidos e movimentos políticos. Em Portugal os partidos dividem-se em duas linhas: a horizontal, onde a esquerda defende a intervenção do Estado na economia – ao contrário da direita –; e a vertical, na qual a direita se mostra mais conservadora em matéria de liberdades individuais.

Para Maurits esta falta de diversidade lusa tem consequências nefastas: «**Se defendo as liberdades individuais tenho de ser comunista também em termos económicos. Por outro lado, se quiser uma política financeira mais próspera, tenho de aderir ao Opus Dei**».